

DESVALORIZAÇÃO SALARIAL DA PROFISSÃO DOCENTE NO INÍCIO DE CARREIRA NO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA

Francielma Aparecida Arrais¹

Gabriella Regina da Silva Rodrigues²

João Paulo Machado Godoy (orientador)³

RESUMO

A temática desta pesquisa se centra nos estudos sobre a desvalorização da carreira docente. A problemática foi definida nas primeiras aulas de Trabalho de Conclusão do Curso da Faculdade BSSP e foi escolhida porque uma das autoras já vivenciou a experiência de desvalorização profissional em uma de suas contratações no decorrer do curso. Este fato também foi relatado por outras colegas de profissão que enfrentaram a mesma situação. O problema investigado foi a desvalorização salarial dos pedagogos da Educação Infantil no início de carreira no município de Goiânia. As hipóteses de pesquisa elaboradas pelas autoras indicavam que a desvalorização acontecia em face da passividade do professor em aceitar um baixo salário, da falta de comprometimento do governo em políticas públicas e da ausência de experiência comprovada em práticas em sala de aula. A presente pesquisa, de natureza qualitativa, partiu de levantamento bibliográfico e pesquisa de campo em formato de entrevista. Foram consultados artigos científicos, trabalhos completos publicados em anais de eventos, textos informativos na internet e livros sobre a temática. Após a pesquisa, confirmou-se as hipóteses das pesquisadoras, especialmente a partir dos dados das entrevistas. Dois pontos chamaram a atenção: as entrevistadas reconhecem os diversos itens de desvalorização pelo qual passam no início da carreira, inclusive os salários, no entanto, são apaixonadas pela profissão docente e superam a desvalorização pelo entusiasmo com a atividade profissional. Abriu-se, por fim, a seguinte reflexão: como é possível exercer a profissão com amorosidade, sem deixar de lutar pela sua valorização?

Palavras-chave: Carreira, Desvalorização, Docência

INTRODUÇÃO

A desvalorização da carreira docente é um fenômeno que, nos dias de hoje, continua sendo grandemente debatido. Libâneo (2010, p. 172, apud LUCYK; GRAUPMANN, 2015, p. 25745) reitera que “nunca se falou tanto da valorização da

¹ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade BSSP. E-mail: francielmaarrais@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia pela Faculdade BSSP. E-mail: gabriella.r.silva2015@gmail.com

³ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: jpmgodoy@gmail.com

educação, do magistério, e nunca a atividade pedagógico-docente foi tão desvalorizada, especialmente a partir das políticas públicas”.

De acordo com Souza (2011), que fez um levantamento de diversas pesquisas relacionadas à carreira docente desde o início do século, inúmeros fatores interferem na qualidade de ensino: excesso de trabalho, sendo ainda mais burocráticos; baixos salários; pressão dos gestores sobre o cumprimento de obrigações, tais como: relatórios de alunos, preenchimento de diários de classe e outros; projetos a se cumprir; números excessivos de alunos dentro da sala de aula; desgastes físico e mental; o não reconhecimento da sociedade em geral, sobrecarregando o professor em todos os contextos, aumentando assim o número de professores que buscam atendimento médico. Na desvalorização do trabalho docente de acordo com Libâneo (2010), a classe dos professores “tem sido abalada por todos os lados: baixos salários, deficiências de formação, desvalorização profissional implicando baixo status social e profissional, falta de condições de trabalho, falta de profissionalismo etc.” (LIBÂNEO, 2010, p. 25 apud LUCYK; GRAUPMANN, 2017, p. 16).

Muito se discute sobre as más condições de trabalho que os professores enfrentam no dia a dia, e dentre elas, uma das principais, são os baixos salários. Segundo a pesquisa de Barbosa (2011) sobre os salários dos professores brasileiros, embora o maior percentual gasto na educação seja, de fato, na folha de pagamento dos professores, eles ainda ganham muito pouco. Ainda de acordo com Barbosa (2011), considera-se que o salário de um professor formado fica muito aquém daquilo que ele deveria receber, pois existem outras profissões que também exigem uma graduação e que recebem mais que um docente em atuação, sem falar que quando a remuneração é baixa a qualidade da educação tende a não ser das melhores, já que o profissional não está totalmente motivado para o trabalho.

O presente artigo se insere no tema dos estudos sobre a desvalorização da carreira docente. O problema investigado foi a desvalorização salarial dos pedagogos da Educação Infantil no início de carreira no município de Goiânia. As hipóteses de pesquisa elaboradas pelas autoras indicam que a desvalorização acontece em face a) da passividade do professor em aceitar um baixo salário; b) da falta de comprometimento do governo em políticas públicas; c) da ausência de experiência comprovada em práticas em sala de aula. A problemática foi definida nas primeiras aulas de Trabalho de Conclusão do Curso da Faculdade BSSP e foi escolhida porque uma das autoras já vivenciou a experiência de desvalorização profissional em uma

de suas contratações no decorrer do curso, fato relatado também por outras colegas de profissão que enfrentaram a mesma situação.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. A desvalorização da carreira docente: percurso histórico

A desvalorização da carreira docente é histórica, vem desde o século XVI, e para que seja bem compreendida se faz necessária uma análise precisa do contexto histórico da educação brasileira, onde se destacam as tendências pedagógicas que se fizeram e se fazem presentes nas escolas. Partindo de Lucyk e Graupmann (2015), analisamos duas tendências pedagógicas, a tradicional e a tecnicista, buscando não só compreendê-las, como também entender a relação entre elas e a prática profissional docente.

Para entender como deu início a essa desvalorização do trabalho docente, devemos lembrar que desde a chegada dos padres jesuítas ao Brasil, no século XVI, dentro do cenário educacional predominava a Escola Tradicional, tendência que prosseguiu até o século XX. Nela, o professor é o detentor de todo conhecimento, não permitindo questionamentos por parte dos alunos, assim afirmado por Aranha (2006), “o/a professor/a organiza o conteúdo a ser ministrado, ao passo que deve ser o detentor de todo o saber”. (ARANHA, 2006 apud LUCYK; GRAUPMANN, 2015, p.16).

Porém, na Tendência Pedagógica Tecnicista iniciou-se um processo de desvalorização na carreira docente pelo fato do professor não ser um detentor do conhecimento e sim um elo entre o conteúdo e o aluno (LUCYK; GRAUPMANN, 2015). Para Libâneo, (2008, p. 30, apud LUCYK; GRAUPMANN, 2015, p. 25747), o professor passa a somente “administrar as condições de transmissão da matéria, conforme um sistema instrucional eficiente”. Isso se deu, dentre outras razões, pela necessária ampliação da quantidade de vagas na escola pública (LUCYK; GRAUPMANN, 2015).

A expansão da oferta de vagas, nos diversos níveis de ensino, teve como consequência o comprometimento da qualidade dos serviços prestados, em razão da crescente degradação das condições de exercício do magistério e da desvalorização do professor. (LIBÂNEO, 2003, p. 144, apud LUCYK; GRAUPMANN, 2015, p. 25749).

A aceleração da industrialização no Brasil, na década de 70, impulsionou ainda mais a demanda por vagas, pois o sistema de ensino teve que se adequar ao novo

quadro de trabalho exigido, implantando um programa de fixação de conteúdos, com currículos planejados e já estabelecidos para repassarem aos alunos, inserindo na escola um modelo empresarial de ensinar (ARANHA, 2006, apud LUCYK; GRAUPMANN, 2015). Essa prática terminou por desvalorizar a carreira docente, pois acabou “tornando os professores meros técnicos repetidores de pacotes pré-elaborados”. (ARANHA 2006, apud LUCYK; GRAUPMANN, 2015, p. 25749).

Além disso, com a criação de cursos profissionalizantes no segundo grau, onde os jovens eram preparados para o mercado de trabalho não se levava em consideração o conhecimento adquirido pelo o aluno na escola e sim a capacidade de exercer a função esperada, reforçando ainda mais a desvalorização do professor em sua carreira (LUCYK; GRAUPMANN, 2015).

É certo afirmar, portanto, que o desenvolvimento socioeconômico de um país está também relacionado com o sistema educacional e que as Tendências Pedagógicas influenciaram neste cenário (LUCYK; GRAUPMANN, 2015). Com a implantação da Tendência Tecnicista, verifica-se, de acordo com Libâneo (2003), que a Lei nº 5.692/71, ao ampliar a escolaridade mínima para 8 anos e tornar o ensino de segundo grau sendo obrigatório e profissionalizante, ocorreu, de fato, a desvalorização do papel do professor (LIBÂNEO, 2003, apud LUCYK; GRAUPMANN, 2015).

Para além disso, a Tendência Tecnicista vem atender as demandas pela disputa de poder na Educação, de forma a atender o projeto político-econômico do neoliberalismo. Ele se torna um campo de disputa na medida em que quem tem o domínio proíbe que algumas coisas sejam ensinadas e discutidas na escola, então começa um processo de bombardeamento ideológico na escola e nos professores. Um dos exemplos dessa influência seria a obediência aos livros didáticos, que fazem os professores perderem a liberdade de planejar suas aulas, tendo a obrigatoriedade de seguir os conteúdos já selecionados, impedindo o diálogo ou discussões, entre professor/aluno, sobre determinados assuntos (ARANHA 2006, apud LUCYK; GRAUPMANN, 2015). Ou mesmo a necessária obrigatoriedade de melhorar os alunos para os exames de larga escala, como o SAEB e a Prova Brasil.

1.2. O retrato do professor da Educação Infantil

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica. Sendo assim, os Cursos de Graduação em Pedagogia passaram a ter uma responsabilidade maior em relação à formação de profissionais dessa área, onde se exige um estudo em conteúdos teóricos e estágios em ambientes escolares: creches e pré-escolas, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996, apud DRUMOND, 2019).

De acordo com diversos autores, como, por exemplo, Barbosa (2016, apud DRUMOND, 2019, p. 03),

a formação de professores(as) de creche e pré-escolas precisa partir da experiência e de um olhar aprofundado sobre as crianças e a Educação Infantil e que a docência na primeira etapa da Educação Básica é uma atividade profissional que implica a pesquisa e a militância.

Ainda de acordo com a Drumond (2019) o professor de Educação Infantil não precisa necessariamente ministrar conteúdos e nem cumprir uma grade curricular, porém é essencial uma formação acadêmica, comprometimento e conhecimento de todo o conteúdo que envolve o desenvolvimento da criança em cada faixa etária e suas especificidades, valorizando a realidade do aluno dentro de um contexto social.

A Educação Infantil precisa trabalhar um modelo que diferencie o trabalho docente dos demais níveis de ensino, respeitando os direitos das crianças pequenas (DRUMOND, 2019). E o professor de Educação Infantil precisa ser inserido nessa tarefa desafiadora e tão significativa na vida da criança e ser também orientado para realizá-la (DRUMOND, 2019).

Para tanto, o professor deveria ter uma formação de excelência e ser bem remunerado. No Brasil, o piso salarial do professor é definido dependendo das horas trabalhadas, e, por vezes, de sua especialidade, de suas formações, especializações tais como mestrado e doutorado. De acordo com a divulgação do MEC houve um aumento do piso em 2020 de 12,84%, passando de R\$2.557,74 para R\$ 2.886,24 na educação básica no início de carreira (LOPES, 2020).

Um Pedagogo trabalhando na cidade de Goiânia, GO ganha entre R\$ 1.878,66 (média do piso salarial 2021 de acordos, convenções coletivas e dissídios) e o teto salarial de R\$ 4.029,90, sendo que a média salarial fica em R\$ 2.058,38 para uma jornada de trabalho de 36 horas semanais (PEDAGOGO..., 2020, s/p).

Ainda de acordo com essa pesquisa (PEDAGOGO..., 2020), tais dados

refletem uma pesquisa junto a dados oficiais divulgados do Novo CAGED, eSocial e Empregador Web pela Secretaria da Previdência e Trabalho do Ministério da Economia (antigo MTE) com uma amostragem de 79 salários de profissionais admitidos e desligados oficialmente pelas empresas (PEDAGOGO..., 2020, s/p).

O site também informa que o cargo de Pedagogo CBO 2394-15 trabalhando em Goiânia “tem um perfil profissional médio de um trabalhador com 36 anos, formação superior em Pedagogia, do sexo feminino que trabalha 40h por semana em empresas que atuam no segmento de Educação infantil - pré-escola” (PEDAGOGO..., 2020, s/p).

Dessa forma, comparando-se a Lei do Piso Nacional e os salários pagos em Goiânia, ainda está muito aquém do que se deveria estar sendo pago aos profissionais da educação, na Escolas de Educação Infantil, sendo que o ensino educacional deveria ficar em destaque, como sendo uma das primeiras profissões a serem melhor remuneradas. Ressalta-se que o desenvolvimento socioeconômico depende muito do trabalho desse profissional que fica a mercê de uma sociedade que não reconhece o verdadeiro papel do professor e que pouco se discute as políticas públicas na área da Educação.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa. Uma pesquisa qualitativa “costuma ser realizada quando o objetivo do estudo é entender o porquê de determinados comportamentos” (ROCHA, s/a, s/p).

Primeiramente, realizamos um levantamento bibliográfico. De acordo com Azevedo e Mendes (2008), o levantamento bibliográfico consiste em um “conjunto de operações de busca e recuperação de informações necessárias à identificação de textos e documentos sobre determinado assunto ou tema”. Para tanto, consultamos artigos científicos, trabalhos completos publicados em anais de eventos, textos informativos na internet e livros sobre a temática.

Posteriormente, foi realizada pesquisa de campo. Valemo-nos, neste caso, de entrevistas. A entrevista representa uma importante técnica de coleta de dados utilizada na maioria das pesquisas de campo, de todas as ciências sociais. Entretanto, para ser proveitosa, de acordo com Ludke (1986), a entrevista deve ser bem articulada, bem estruturada, respeitando a hierarquia, os limites e as exigências do

entrevistado. A interação entre o entrevistador e o entrevistado é imprescindível, pois o resultado da técnica depende muito desse fator (LUDKE, 1986)⁴.

Na nossa pesquisa, optamos por entrevista estruturada, na qual elaborou-se questões para as entrevistadas, questões estas que as mesmas responderam, uma a uma, sem que, na entrevista, fosse possível modificar/alterar qualquer das questões ou acrescentar alguma questão. Neste sentido,

chamada de entrevista padronizada ou estruturada, que é usada quando se visa à obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados, permitindo assim uma comparação imediata, em geral mediante tratamentos estatísticos (LUDKE, 1986, p. 34)

As entrevistas foram realizadas da seguinte forma: foram contactadas duas professoras. A primeira foi a Ana (nome fictício), com 64 anos e oito anos de carreira, é colega de trabalho da primeira autora do texto; a segunda é Bia (nome fictício), com 35 anos e 5 anos de carreira, que é colega de trabalho da segunda autora do texto. O contato foi realizado via WhatsApp, onde foram enviadas as perguntas e o retorno foi através de áudios e escrita. As autoras fizeram a transcrição das entrevistas e, após leitura exaustiva das respostas, encontraram convergências e pontos relevantes, que foram trazidos para o tópico “Discussões e Resultados”.

As entrevistas seguiram o seguinte roteiro:

ENTREVISTA

Esta entrevista tem como objetivo ajudar a esclarecer o problema de pesquisa escolhido no nosso TCC. Estamos investigando a questão salarial dos professores em início de carreira e quais os maiores desafios encontrados por eles, que de acordo com alguns autores ao longo dos anos, muitos foram os acontecimentos que levaram a essa desvalorização. Consideramos a entrevista

⁴ A vantagem da entrevista sendo como coleta de dados é que se obtém o resultado de imediato, através das respostas adquiridas e elaboradas em efeito de questionário, onde o entrevistado tem a liberdade de realizar algumas adequações em suas respostas e opiniões pessoais, porém, seguindo um roteiro, uma ordem, uma sequência lógica de assuntos que permeiam a entrevista (LUDKE, 1986). O entrevistador deve estar atento também às respostas não verbais, ou seja, os gestos, as expressões faciais, a entonação da voz, interpretando o sentido das respostas coletadas (LUDKE, 1986). A entrevista pode ser realizada de duas formas: através de uma gravação, que posteriormente reescritas ou anotadas pessoalmente no ato da entrevista, algo que demanda tempo, agilidade e disponibilidade do entrevistado (LUDKE, 1986).

como uma ferramenta de coleta de dados, de grande valia para este artigo, ressaltamos ainda que sua identidade será preservada como o nome da instituição que você atua, serão utilizados nomes fictícios. A gravação não será divulgada, será apenas para servir de consulta para as pesquisadoras.

PERGUNTAS DE IDENTIFICAÇÃO

Qual o seu nome?

Qual sua idade?

Quanto tempo de carreira?

Quais são suas formações?

Quanto tempo você atua na educação infantil?

Você trabalha na rede pública ou privada?

PERGUNTAS DO PROBLEMA DE PESQUISA

1) Antes de se formar e começar a trabalhar, você nutria alguma expectativa em relação à profissão?

2) Como foram os primeiros anos da sua experiência docente?

3) Você teve ou vivenciou alguma experiência de desvalorização no início da sua carreira? Explique.

4) Especificamente sobre a sua remuneração nos primeiros anos de carreira, era boa, ruim?

5) Você acha que o pedagogo em início de carreira tem uma boa remuneração? Por quê?

6) Quanto você acha que ele/ela deveria receber? Por quê?

7) Por que algumas escolas preferem contratar um estagiário para fazer a função de um pedagogo formado?

8) Você gosta da sua profissão? O que você diria para alguém que pretende iniciar a carreira de educador atualmente?

Os resultados da pesquisa seguem a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Elementos de desvalorização percebidos pelos entrevistados

A desvalorização da carreira docente, em seu início, é um fenômeno que parece, de fato, ocorrer com a maioria da classe profissional. Conforme a entrevista das duas professoras Ana e Bia, viu-se que ambas amam a profissão, porém reclamam sobre a desvalorização salarial. Para a entrevistada Bia: “Deveríamos receber mensalmente pelo menos cinco mil reais pelo o tanto que trabalhamos fora da escola, o tanto de materiais que gastamos do nosso bolso com lembrancinha.” Ana, por sua vez, afirma: “eu acho que o pedagogo deveria ganhar no mínimo oito mil reais, porque ele que está formando seres humanos pensantes.”

Ana menciona que é um absurdo que, no início da carreira, ela ganhasse o mesmo que sua empregada doméstica:

Olha, no início da minha carreira eu vivenciei bastante a desvalorização do docente, haja vista que na época a minha secretária que trabalhava na minha casa que não sabia nem escrever o nome, ela ganhava praticamente o mesmo valor que o professor, certo?

De acordo com Barbosa, de fato, a comparação de Ana faz sentido, pois, se ela estudou, se capacitou na área, deveria ter um salário compatível com sua formação e equiparado aos salários de profissionais de nível superior:

Ainda que se possa comparar a remuneração recebida pelos professores com a de qualquer outro profissional, parece ser mais correto comparar os salários pagos aos professores brasileiros, a quem se exige formação em nível superior (ainda que, nos termos da LDB, a formação mínima admitida para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental seja a formação em curso normal de nível médio) com salários de outras categorias profissionais para as quais se exige o mesmo nível de formação, ou seja, deveríamos comparar salário de professor com salário de profissionais com Educação Superior, com qualificações equivalentes, como aponta Siniscalco (2003). (BARBOSA, 2014, p. 513)

Barbosa (2014) relata uma pesquisa em que foi feita uma comparação de diferentes salários entre um grupo de professores e outras três amostras de grupos de não professores. A amostra 1 englobava todos os trabalhadores não professores que participaram das pesquisas domiciliares, a amostra 2 incluía somente os trabalhadores que tinham concluído, pelo menos, o Ensino Médio e a amostra 3 concentrava todos os trabalhadores das áreas administrativas, técnicas e profissionais (BARBOSA, 2014). Ao final, descobriu-se que os salários dos professores brasileiros se mostram abaixo dos salários dos trabalhadores, nas amostras realizadas.

Ainda sobre a desvalorização, ambas as entrevistadas mencionam não só a questão salarial mas, também outros elementos, como a falta de recursos pedagógicos, salas cheias, trabalho excessivo fora da sala de aula, percepção de uma falta de reconhecimento da importância da Educação Infantil, etc.

Bia: Desvalorização eu sempre senti em relação ao fundamental 1, educação infantil parece não ter tanto valor, tanto reconhecimento. Trabalhar com educação infantil é encantador, identificar as primeiras descobertas da criança, [no entanto] falta de recurso é algo que gera um desgaste enorme”

Ana: Além da sala de aula, eu levava atividade pra casa eu trabalhava final de semana, eu confeccionava cartazes, então era um trabalho na sala de aula e o dobro em casa, e a falta de recurso até mesmo pelas crianças não terem o material necessário a gente se preocupar em estar fornecendo aquele material para as crianças, o número excessivo de alunos dentro da sala de aula, que às vezes tumultuava bastante, cansando bastante o professor, então isso no começo eu assustei muito com tudo isso.

O texto de Souza (2011, p. 4815) afirma que, de fato, existem diversos outros elementos, para além dos salários baixos, que contribuem com a desvalorização da carreira docente, como o trabalho excessivo, classes numerosas, violência, etc.

O excesso de trabalho cada vez mais burocrático que se impõe ao professor e que poderia ser desenvolvida perfeitamente pela equipe técnico-administrativa, o salário baixo, a pressão de gestores sobre o cumprimento de toda ordem de obrigações que chegam em múltiplas instâncias (preenchimento de diários de classe, relatórios individuais de aluno, e, nesse sentido, ressaltamos as classes numerosas de 45 a 50 alunos, os projetos, as observações indisciplinadas e da falta de cumprimentos de deveres por parte do aluno, etc.), violência (basta ver as últimas reportagens noticiadas pelos jornais), demandas de pais de alunos, bombardeios de informações, desgastes físicos e, principalmente, a falta de reconhecimento de seu trabalho na esfera social.

Por fim, a fala das entrevistadas refletem a consciência de que o professor é fundamental na vida de uma criança e pode, nos Anos Iniciais, fazer a diferença para a vida toda. Por isso, deveria ser mais valorizado. Ana, por exemplo, diz:

o pedagogo pega a criança sem saber de nada se ele não tiver uma boa formação, paciência, amor, dedicação, procurar saber até o dia a dia daquela criança, ele não vai conseguir com que a criança aprenda, então é através do pedagogo que a criança chega lá na faculdade sabendo o que quer e porque quer, então isso aí é muito importante porque nós temos mesmo aqui na Rede no nono ano, alunos que não sabem escrever o nome com letra maiúscula no começo, então quer dizer veio de uma formação lá atrás, então o pedagogo tem que ter essa percepção e trabalhar muito em cima disso.

O “amor” pela educação e a sua relação com a percepção da desvalorização

Embora a desvalorização seja evidente, um ponto que chama a atenção é o fato de muitos professores dizerem “amar” essa profissão. As entrevistas das duas professoras permitem uma reflexão sobre o tema, pois pode-se observar nos relatos que mesmo reconhecendo a desvalorização e os baixos salários, declaram ter amor à profissão. A professora Ana ressalta: “eu adoro a escola, eu adoro as crianças e adoro o que eu faço”. Por sua vez, Bia afirma: “eu amo a minha profissão, amo ver a criança que entra na escola no início do ano e como ela sai no final do ano, como o desenvolvimento delas me encanta”.

Para Paulo Freire, não se deve, realmente, negar que a profissão do educador está marcada pela amorosidade. De acordo com ele, “a tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade” (FREIRE, 1997, p. 08). Neste sentido, as entrevistas apresentam vários elementos que corroboram com essa compreensão: “trabalhar com educação infantil é encantador, identificar as primeiras descobertas da criança” (Bia) e mais: “eu trabalho em uma escola bem tranquila, com pouca remuneração, mas sou feliz com minha escolha” (Bia).

Novamente, podemos trazer Freire. Para o Patrono da Educação Brasileira,

é preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional, é preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo (FREIRE, 1997, p. 08).

É tão evidente a marca da amorosidade presente nas entrevistas que, no caso de Ana, há inclusive um momento em que ela se emociona ao lembrar das crianças:

Um aluno semana passada virou pra mim e falou assim: professora, e eu falei: tchau, um beijo! E eu sempre fico mandando beijo de vídeo aí ele falou pra mim assim: professora eu queria te abraçar. Olha, aquilo pra mim foi tão emocionante, e me dá vontade de chorar, sabia, porque eles sentem falta desse carinho e eu também [nessa hora ela se emociona e chora].

Isso corresponde à teoria freireana que afirma que “Não é possível ser professora sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que se faz” (FREIRE, 1997, p. 18). Freire afirmou que sem a amorosidade, o trabalho do professor perde o seu significado, e que é preciso amar não só os alunos, mas também o processo de ensinar (FREIRE, 1997, p. 38).

Apesar do amor, é preciso, também lutar, é o que defende Freire:

nada disso, porém, converte a tarefa de ensinar num quefazer de seres pacientes, dóceis, acomodados, porque portadores de missão tão exemplar

que não podem se conciliar com atos de rebeldia, de protesto, como greves, por exemplo (FREIRE, 1997, p.09)

Assim, o fato do professor amar a profissão não inibe a busca pela liberdade e valorização da carreira. Para Freire, a tarefa educativa exige a capacidade de brigar pela liberdade “sem a qual a própria tarefa fenece” (FREIRE, 1997, p. 09).

Inclusive, o próprio título do famoso livro do Paulo Freire, “Professora, sim; tia, não”, apresenta esta interessante discussão sobre o uso da palavra “tio/tia”, na Educação. A profissão de pedagogo não é dom, nem missão, mas sim uma profissão, que precisa de um árduo estudo, muito preparo e capacitação científica, por esse motivo o professor necessita ser respeitado e valorizado. E de acordo com Freire o termo tia/tio desvaloriza e desqualifica o trabalho do professor, ressaltando que tia não educa, apenas cuida e com isso desrespeita o profissional formado que se dedicou anos de estudos para assumir uma sala de aula.

O que me parece necessário na tentativa de compreensão crítica do enunciado professora, sim; tia, não, se não é opor a professora à tia não é também identificá-las ou reduzir a professora à condição de tia” (FREIRE, 1997, pág.09)

O que foi e vem sendo ainda enfatizado, nas escolas em todo o país, segundo Freire: “considerar a professora como tia, quase como proclamar que professoras, como boas tias, não devem brigar, não devem rebelar-se, não devem fazer greve” (FREIRE, 1997, p. 09), as tias não podem fazer greve contra os seus sobrinhos.

Assim, percebe-se que, se de um lado, a amorosidade está presente na fala das entrevistadas, por outro lado, é preciso refletir até que ponto ela impede a luta pela valorização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo observar, compreender e analisar a experiência do professor da Educação Infantil em início de carreira com questões relacionadas à desvalorização salarial dos pedagogos no município de Goiânia.

A partir da pesquisa, confirmou-se as hipóteses de que a desvalorização do professor acontece em alguns casos pela falta de experiência de sala de aula, por falta de investimento por parte do poder público, mas também na passividade do professor em início de carreira em receber um baixo salário, por acreditar que o professor sem experiência não desempenha um bom trabalho e com isso não precisa

receber um bom salário, acabando por aceitar qualquer proposta, com receio de não conseguir uma vaga de emprego na área. Essa confirmação foi verificada principalmente através das entrevistas realizadas pelas pesquisadoras, onde as entrevistadas relataram dificuldades no início da carreira.

Dois pontos chamaram a atenção das pesquisadoras: as entrevistadas reconhecem os diversos itens de desvalorização pelo qual passam no início da carreira, inclusive os salários, e desejariam ganhar melhor; as entrevistadas, no entanto, são apaixonadas pela profissão docente e superam a desvalorização pelo entusiasmo com a profissão.

Concluiu-se que apesar da desvalorização salarial dos professores, excesso de trabalho, falta de material didático e salas de aula lotadas ser algo recorrente na realidade educacional, percebe-se através dos relatos e registros, que os professores gostam do que fazem e se encantam com a evolução da aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, que em alguns momentos até esquecem que são mal pagos e tão desvalorizados. Ao retomar-se os escritos de Freire, levanta-se a partir da pesquisa algumas questões, em especial, a de como é possível exercer a profissão com amorosidade, porém sem deixar de lutar pela sua valorização.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fabiana de; MENDES, Maurício. **Levantamento Bibliográfico**: Curso de metodologia científica para residentes e preceptores da SESDF. Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde, 2008. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi5rdTEIP_wAhUMebkGHabnBZIQFjACegQIChAD&url=http%3A%2F%2Fwww.escs.edu.br%2Farquivos%2FLevantamento.pdf&usq=AOvVaw2OroLOTDDRQ1sATMncxXK. Acesso em: 04 jun 2021.

BARBOSA, Andreza. Salários docentes, financiamento e qualidade da educação no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 511-532, abr./jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2021.

DRUMOND, Viviane. Estágio e docência na educação infantil: Questões teóricas e práticas. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 22, p. 1-13, e-13856.2019.209209218358, 2019. Disponível em <<http://www.uepg.br/olhardeprofessor>>. Acesso em: 26 abr 2021.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho D'água, 1997.

LOPES, Laisa. Piso de professores da rede básica é reajustado e sobe R\$ 330,50. **SOS Brasília**, 07 jan. 2020. Disponível em: <https://sosbrasil.com.br/destaque/piso-de-professores-da-rede-basica-e-reajustado-e-sobe-r-33050/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

LUCYK, Viviana Patricia Kozlowski; GRAUPMANN, Edilene Hatschbach. Breve discussão sobre a desvalorização do trabalho docente. *In*: Congresso Nacional de Educação, 12., 2015, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: PUCPR, 2015. p. 25743-25758. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwic_deYwZXwAhVKGLkGHYwaARYQFjAAegQIAxAD&url=http%3A%2F%2Feducere.bruc.com.br%2Farquivo%2Fpdf2015%2F17894_8318.pdf&usg=AOvVaw0ajD7fO4zxrrTs3K274mOQ>. Acesso em: abr. 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PEDAGOGO - Salário 2021 - Goiânia, GO - O Que Faz, Carreira e Mercado de Trabalho em Pedagogia. **Salario**, 2021. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/pedagogo-cbo-239415/goiania-go/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

ROCHA, Hugo. O que é Pesquisa Qualitativa, tipos, vantagens, como fazer e exemplos. Disponível em: <https://klickpages.com.br/blog/o-que-e-pesquisa-qualitativa/>. Acesso em: 06 jun 2021.

SOUZA, Luiz Aparecido Alves. Desvalorização social da profissão docente no cotidiano da escola pública no discurso do professor. *In*: X Congresso Nacional de Educação - Educere, Curitiba, 2011. **Anais** [...]. Curitiba: PUCPR, 2011. p. 4812-4823.

Disponível

em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjgsrit0rjwAhVpr5UCHR0_DhwQFjABegQIAhAD&url=https%3A%2F%2Feducere.bruc.com.br%2FCD2011%2Fpdf%2F6084_2937.pdf&usq=AOvVaw0yiof60HG91xUuiMkYXJvP. Acesso em: 07 mai. 2021.